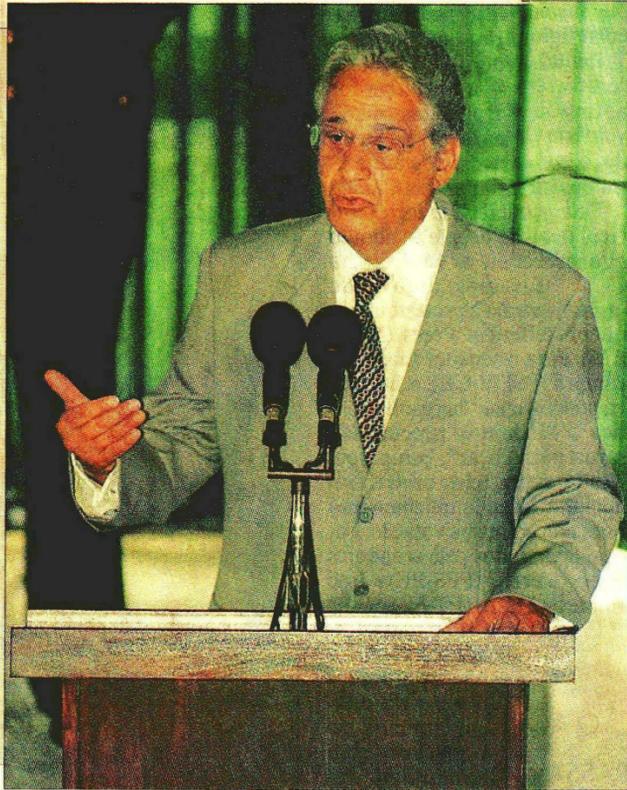


Ordem mundial por imposição acabou, diz FHC

Ed Ferreira/AE



Até pouco tempo, seria impossível imaginar uma ordem mundial menos assimétrica. Hoje, não é mais

Um país que não crê em si mesmo, que não crê que é capaz de enfrentar dificuldades e de vencê-las, já está derrotado. Não é o nosso caso

Digo sempre que chegaremos a 3%, para promover um pouco mais de competição entre os brasileiros. Mas, seguramente, uma taxa de crescimento que será acima de 2%

O DISCURSO

São estes os principais pontos do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso no almoço com os oficiais-generais:

■ **Forças Armadas** – “Ao mesmo tempo em que explícito alguns pontos importantes, no meu modo de ver, dos desafios que o Brasil terá de enfrentar, no cenário mundial, procuro reafirmar os princípios fundamentais que devem orientar o comportamento das Forças Armadas, do governo e dos brasileiros.

O convívio entre civis e militares, entre o poder político e as Forças Armadas, no Brasil, atingiu um patamar que eu diria invejável, de respeito, de democracia, de confiança mútua e, sobretudo, da crença no País e na vontade férrea de que este País melhore cada vez mais.”

■ **Terrorismo** – “São épocas difíceis. Todos que me antecederam mencionaram alguma coisa que marcou o mundo de uma maneira quase inesperada, que foram os acontecimentos de 11 de setembro.

Além de ter falado na Assembleia-Geral das Nações Unidas, tive conversas com o presidente dos Estados Unidos, colocando, com muita fraternidade, mas com muita firmeza, os nossos pontos de vista e o que o Brasil deseja na ordem mundial que está sendo reelaborada.

Independentemente dos aspectos do poder, dos aspectos simbólicos e efetivos de uma ameaça, a nação que se pensava mais segura do mundo, de repente, sentiu que não há segurança absoluta. O sofrimento é duro, é ruim. Mas se aprende no sofrimento. Espero que o povo americano também esteja aprendendo com o sofrimento.

Não foi um fato para que alguém possa, mesquinha, pensar em se aproveitar. Mas foi um fato que mostrou que a civilização contemporânea requer uma reelaboração e que os sentimentos motivados até em análises, algumas bem fundadas mas insuficientes, de que é possível manter a ordem mundial pela imposição, vão dar lugar a uma compreensão mais ampla de que a ordem mundial, para se manter, vai requerer também um sentimento de compreensão, de cooperação e de solidariedade.”

■ **Defesa** – “Não podemos ter a pretensão prepotente de que há um lado bom e um lado mau. Existem maus e bons em vários lados e há uma luta constante dos melhores contra os piores, para que haja a possibilidade de uma diretriz que seja favorável aos melhores. Mas é uma luta difícil a que será travada doravante, não apenas em termos de terrorismo em si mesmo, mas em termos da possibilidade de interconexões que não são suspeitadas sequer e que têm eficácia.

Isto vai requerer da nossa parte, como Estado e como Nação, uma atitude nova, embasada na volta à compreensão da segurança, não nos termos clássicos, senão que a segurança em termos de uma segurança efetivamente da Nação e não só do Estado, exercida, prioritariamente, através das Forças Armadas, mas sustentada pela vontade de todos, porque, se não for assim, não será eficaz.

Nós discutimos o que já anteriormente eu havia discutido, quando tomamos a decisão de organizar os planos estratégicos e uma política que fosse capaz de definir o modo pelo qual vamos empregar as nossas Forças, de acordo com os nossos objetivos estratégicos, uma política militar.

Esta política, embora tenha a expressão de política militar, é definida num âmbito maior da Nação e vai requerer, como disse o ministro Geraldo Quintão, um aprofundamento, em todos nós, do que seja a nossa defesa nacional.

E há de contemplar a nossa preocupação permanente com os ilícitos, que são transnacionais, como é o caso das drogas, do contrabando, da lavagem de dinheiro.

Não há de ser, simplesmente, uma política de defesa baseada nos conceitos clássicos. Mas há de ser uma política de defesa que incorpore essas novas dimensões, esses desafios novos da segurança. E que, por certo, no decorrer do século 21 vão ficar mais definidos. Teremos, portanto, maior capacidade de atuar.”

■ **Brasil** – “O almirante Sérgio Chagasteles, na sua saudação, mencionou o quanto nos dói ver a disparidade existente no mundo entre as nações mais poderosas, as emergentes e as mais pobres. Nós estamos nessa categoria intermediária de nações emergentes.

Somos uma das dez maiores economias do mundo.

Continuamos com muitos problemas, mas continuamos avançando. Pois bem, o sentimento que temos dessa assimetria, dessa globalização assimétrica terá de dar lugar, com esforço, com luta, com perseverança e com inteligência, com trabalho, com capacidade de coordenação, a uma ordem que seja menos assimétrica e que permita um lugar ao sol àqueles que estão se debatendo para que possam participar, efetivamente, de um mundo mais favorável ao conjunto da Humanidade.

Podem ser palavras vagas pensar-se em conjunto da Humanidade. Até pouco tempo, seria impossível até imaginar, pensar e propor que exista uma ordem mundial menos assimétrica. Porque a assimetria não só era real, como continua sendo, como era autoconfiante. Hoje, não é mais. E não havia a consciência de parte de todos de que a situação precisa mudar. Hoje, existe esta consciência.”

■ **2001** – “Foi um ano em que tivemos uma crise que é nossa, do governo, do País, que foi a da energia. Tivemos que enfrentar um processo longo no Mercosul, com a Argentina. Tivemos que enfrentar um início de recessão nas economias principais do mundo. Mesmo assim, se não foi possível realizar, no decorrer de 2001, tudo aquilo que se imaginava no início do ano, se pode dizer que o Brasil, ainda assim, é um dos poucos países do seu porte, cuja taxa de crescimento – pequena para nós – é maior que a da maior parte dos países do mundo.

Estamos chegando, digo sempre que chegaremos a 3%, para promover um pouco mais de competição entre os brasileiros, e dizer que um pouco mais dá, sempre, para fazer. Mas, seguramente, uma taxa de crescimento que será acima de 2%. Sonhávamos com 4,5%, talvez 5%. Tínhamos condições para isso. Não foi possível, pelos fatores já mencionados.

Mas, o que é de assinalar é que isso não abateu o ânimo dos brasileiros. Ainda ontem, saiu o resultado de pesquisas que mostram a persistência do otimismo entre os brasileiros e as brasileiras. Este fato é fundamental. Um país que não crê em si mesmo, que não crê que é capaz de enfrentar dificuldades e de vencê-las, já está derrotado. Não é o nosso caso.”